

ESTÂNCIAS FORTIFICADAS NA FRONTEIRA PLATINA. JAGUARÃO, RS.

ALMEIDA, Guilherme Pinto de¹; GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya²

¹Faculdade da Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas; guinotauro@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Arquitetura e Urbanismo; ester@ufpel.tche.br.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho expõe alguns mapas elaborados para a pesquisa “Estâncias Fortificadas”. Esta pesquisa trata das estâncias com características arquitetônicas peculiarmente militares, algumas dotadas de verdadeiros fortins; suas origens, bem como procura esclarecer a origem de parte do disputado território que ocupavam. Localizadas na chamada fronteira Platina, próximas ao atual município de Jaguarão, elas tiveram papel importante na consolidação do território sob posse portuguesa. O aspecto construtivo e a composição de sua arquitetura se contrapõem ao apresentado por alguns estudos anteriores das estâncias do Rio Grande do Sul Meridional.

O Tratado de Santo Ildefonso (1777), firmado entre as Coroas ibéricas, iniciou uma série de conflitos, em virtude da ausência de consenso sobre seus limites. Lusitanos e Castelhanos tornaram o território compreendido entre os rios Piratini e Jaguarão alvo de uma disputa, na qual prevaleceu, por fim, o avanço português. A tática do *uti possidetis* mostrou-se eficaz, e no período de 1790 a 1792, várias sesmarias foram doadas ao sul do Piratini. Muitas das primeiras doações, quando mapeadas, mostraram-se localizadas nas nascentes do Rio Jaguarão, fora do atual município. Por outro lado, a maior parte das concessões, iniciadas na década de vinte do século XIX, situou-se estrategicamente de modo a proteger as casas e a guarda, próximas ao encontro da foz com a Lagoa Mirim. A partir de 1814, doações de chácaras e terrenos urbanos reforçaram de vez a ocupação no entorno da freguesia do Espírito Santo do Serrito de Jaguarão.

O atual município de Jaguarão se estabeleceu, portanto, em um contexto de disputas entre espanhóis e portugueses entre os séculos XVIII e XIX. Sua área urbana atual, teve origem em uma guarda espanhola, chamada de “Fortin de La Laguna”. Também conhecida por “Fortin del Cerrito”, passou a chamar-se Guarda da Lagoa e do Cerrito após a tomada pelos portugueses em 1802.

A partir de 1803, algumas estâncias tiveram especial importância na consolidação do território. Destaca-se principalmente a Estância Real do Serrito, que fora concedida e posteriormente retomada, em parte, pela Coroa portuguesa, a fim de ser oferecida como presente à Viscondessa de Magé. Esta nunca chegou a tomar posse das terras, o que abriu caminho para diversas ocupações nestes domínios. Tinha por limites: a leste, a Lagoa Mirim; a oeste, o arroio Telho; a norte, o arroio Juncal e ao sul, o Rio Jaguarão.

Igualmente importantes foram as terras da Fazenda São João do Rincão de Jaguarão e Juncal, ocupadas a partir de 1824, pelo Comendador Francisco José Gonçalves da Silva. Natural de Braga, Portugal, ‘Dom Francisco’ era um rico comerciante, fazendeiro e charqueador que fora casado com a irmã do Conde de Piratini, a rio-grandina Maria Joana Barbosa Vieira Braga. Suas terras faziam frente ao Rio Jaguarão e eram próximas ao arroio Quartel-Mestre, na divisa com as terras destinadas à povoação e às doadas à Viscondessa. Foi citado pelo mercenário alemão Carl Seidler em seus relatos.

O Comendador teve larga descendência e deixou onze herdeiros. A divisão de suas propriedades (Fig. 1) pode ser verificada na “Planta da Fazenda de São João do Rincão de Jaguarão e Juncal”, que foi realizada em 1865 pelo agrimensor Francisco Estácio Belmondy e copiada pelo também agrimensor Philippe Somer em 1866. Várias estâncias jaguarenses tiveram origem em seus campos, como as atuais estâncias São João, dos Bonitos e da Glória.

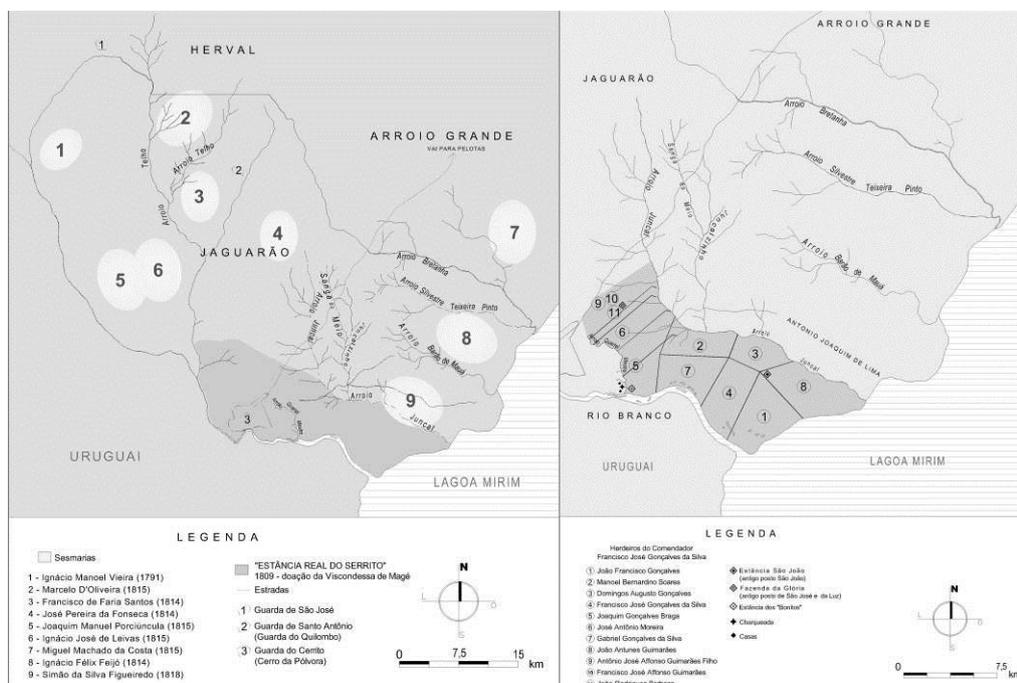


Figura 1 – Mapa do Município de Jaguarão localizando Sesmarias e Mapa das Medições das terras do Comendador Francisco José Gonçalves da Silva e seus herdeiros; respectivamente. Elaborados por Guilherme Pinto de Almeida, 2009, com base em “Mapa do Município de Jaguarão, de autoria de Anry Prates Piuma, 1955 – Prefeitura Municipal de Jaguarão e na “Planta da Fazenda de São João do Rincão de Jaguarão e Juncal”, 1865 – Acervo Estância São João.

Essas propriedades rurais serviam como refúgio em meio ao caos das constantes disputas e revoluções. Ao erguerem-se volumes densos, de paredes grossas, com predomínio de cheios sobre vazios, destacou-se um tipo de edificação original: a “estância fortificada”. Conservando, predominantemente a linguagem luso-brasileira, reforçada por vezes pelo estilo neocolonial de reformas e intervenções mais recentes, se diferenciavam pela sua implantação. Geralmente estão próximas à água, e não no alto de alguma coxilha, como de usual. Apresentam alguns elementos de arquitetura militar incorporados ao seu conjunto: mirantes, fortins com seteiras e muros de proteção. Este trabalho deteve seu estudo sobre as atuais estâncias do Juncal e São João, as duas fortificadas (Fig. 2). Esta última, originalmente um posto avançado da Fazenda São João do Rincão de Jaguarão e Juncal.



Figura 2 – Aspectos das estâncias do Juncal e São João, respectivamente. Fotos: Rodrigo Osório, 2009.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho foi realizado mediante pesquisa nos documentos, plantas e mapas dos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, além do acervo da Fazenda São João, em Jaguarão. Também foram utilizados dados obtidos no inventário para dossiê de tombamento do centro histórico do conjunto paisagístico de Jaguarão, trabalho junto ao IPHAN, recentemente reconhecido. Todos os mapas foram desenvolvidos na plataforma dos programas *Autocad* e *ArcGis*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho retomou algumas questões relativas à luta pela posse do território da fronteira platina. Dentre elas, a relação entre a doação constante de terras pela coroa portuguesa e a conseqüente posse definitiva das terras. Outro aspecto levantado foi a importância dos exemplares de estâncias fortificadas existentes para a leitura da história deste território. O estudo das estâncias fortificadas no entorno de Jaguarão mostrou-se assunto para pesquisas futuras na área da arquitetura e de sua história no estado do Rio Grande do Sul. O estudo da documentação também mostrou a presença de profissionais eruditos no desenho da povoação.

4 CONCLUSÃO

Como de esperado, reforçou-se que a prática dos portugueses de concederem terras (*uti possidetis*) foi importante na consolidação do território. Aliado a isto, a posição estratégica das doações e a caracterização fortificadora da arquitetura de algumas propriedades rurais foram igualmente importantes. Alguns

exemplares ainda existentes, embora tenham sofrido algumas reformas, preservam ainda muitos traços originais e demonstram a existência de profissionais eruditos na elaboração dos desenhos, arquitetônico e urbano da região.

5 REFERÊNCIAS

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Livro de registro de sesmarias de terras**. Rio Grande 1813-1814. Nº 41; Registro de terras e terrenos concedidos nos diferentes distritos e municípios do RS e Livro de datas de terras 1755-1831. M. 45, L. 291.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Origens de Jaguarão (1790-1833)**. Caxias do Sul: Ed. UCS, 1980, pp. 26-7.

GUTIERREZ, Ester J. B; MOLET, Claudia G. M; LUCKOW, Daniele B. e NEUTZLING, Simone R. Estâncias fortificadas. In: MAESTRI, Mário e BRAZIL, Maria do Carmo. **Peões, vaqueiros & cativos campeiros: estudos sobre a economia pastoril no Brasil**. Passo Fundo: Ed. UPF, 2009, pp. 168-219.

LENZI, Ricardo Alvarez. **Fundación de poblados en el Uruguay**. Montevideo: Facultad de Arquitectura, 1972, p. 23.

LUCAS, Luís Henrique Haas. **Estâncias e fazendas: a arquitetura da pecuária no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguaí: a construção da cidade de Jaguarão**. Tese de doutorado. Barcelona: Escola Técnica de Superior de Arquitetura - Universidade Politècnica da Catalunya. 2002, p. 67.

NEUTZLING, Simone R (coord.) **Inventário para o dossiê de tombamento do centro histórico de Jaguarão**. 2009. (Relatório Técnico). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura.

OSÓRIO, Helen. **Comerciantes do Rio Grande de São Pedro: formação, recrutamento e negócios de um grupo mercantil da América Portuguesa**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, n. 39, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010201882000000100005&script=sci_artt_ext#back25>. Acesso em 1º de maio 2009.

PEREIRA DA CRUZ, Glenda. **Processo de urbanização do Rio Grande do Sul**. Cadernos de Arquitetura da FAU, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

REICHEL. Heloísa Jochims. Fronteiras no espaço platino. In: BOEIRA, Nelson e Golin, Tau (coord.) História Geral do Rio Grande do Sul. Colônia. Passo Fundo: Méritos, v. 1, 2006, PP. 43-63.

SEIDLER, Carl. **Dez Anos de Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1976.